

Para economista, a medida teve efeitos positivos

Nem todos os efeitos da moratória foram negativos. Na opinião de Edmar Bacha, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC), ela demonstrou de maneira dramática o fracasso do Plano Baker (anunciado pelo secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, em 1984, que recomendava aos países endividados manterem políticas de austeridade e pagamentos em dia de juros, até recuperarem o acesso a empréstimos voluntários dos bancos privados). A moratória conduziu o governo dos EUA a recomendar a melhoria das condições de acesso ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e levou os bancos privados aceitarem termos mais favoráveis para a conclusão de acordos com outros países endividados. O Citibank e vários outros credores privados a aumentaram suas provisões para devedores duvidosos. Esta medida abriu perspectivas de longo prazo para o Brasil e outros países concretizarem acordos que poderão dar encaminhamento definitivo para a questão da dívida.

A primeira e única tentativa do Brasil de obter um desconto da dívida resultou em fracasso. O então ministro da Fazenda, Bresser Pereira, propôs a securitização da metade da dívida de US\$ 67 bilhões com os bancos privados, em títulos com 25% a 30% de desconto e com pagamento escalonado em 25 anos. Baker rejeitou a proposta e o país não insistiu.

Depois disso, o país foi recuando para negociações convencionais. Apresentou a uma proposta formal ao Comitê Assessor dos Bancos Credores em 25 de setembro. Concluiu em 7 de novembro um acordo interino, comprometendo-se a pagar um terço dos juros vencidos em 87, contra a concessão de empréstimo ponte, até julho de 1988, de dois terços pelos maiores credores privados. Em 10 de fevereiro foram pagos US\$ 350 milhões para os bancos credores continuarem na mesa de negociações.